

Pastore: se não houver recessão, a inflação dispara.

"Se o crescimento da economia for uma promessa cumprida, as pressões inflacionárias serão maiores em 1987", afirma o economista Afonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central, para quem existem dois caminhos a serem trilhados pelo governo: a volta da inflação pré-cruzado ou a recessão. "Se o governo não estivesse nesse dilema ele chamaria a sociedade para uma festa e não para um **Pacto Social**."

Pastore fixa nessas opções as suas previsões para a economia no próximo ano. Como o governo já anunciou que não pretende fazer recessão o economista prevê que a inflação de 1987 atingirá os três dígitos, ou seja, será superior a 100%. Isto, avverte ele, se houver queda do poder aquisitivo da população para restabelecer o equilíbrio de mercado. Caso contrário, voltaremos rapidamente para a hiperinflação.

"O governo precisa assumir que criou a inflação, ajustar a economia e recomeçar tudo de novo" — entende o economista. Para ele, o quadro, no mínimo, é preocupante. O governo fez o Plano Cruzado não para redistribuir renda, nem para integrar 20 milhões de brasileiros à sociedade de consumo, mas para chegar à inflação zero, mas isso não produziu os efeitos desejados. Nessa medida, Pastore defende que sejam reconstruídos os mecanismos de defesa dos ativos — ou seja, que volte a indexação com a correção monetária. "Não gosto da infla-

ção, mas houve falhas e o governo a reintroduziu na economia."

A inflação, para Pastore, será alta porque o excesso de demanda continua, não obstante o pacote de 21 de novembro, que elevou os impostos indiretos. Por outro lado, ele acredita que as minidesvalorizações do cruzado em relação ao dólar deverão ser mais aceleradas. Se assim, no seu entender, haverá incentivo para as exportações, permitindo que o País faça um superávit em 1987 semelhante ao deste ano, em torno de US\$ 9 a US\$ 9,5 bilhões.

O problema da aceleração das minidesvalorizações está ligado ao realinhamento geral de preços determinado pelo governo. Como os preços internos estão subindo, eles continuarão mais atrativos para os produtores. A subida dos preços do aço, por exemplo, vai mexer nos preços de muitos produtos. "Um realinhamento geral desses sem mexer no câmbio causaria o colapso exterior", diz Pastore.

"A inflação deverá assumir uma velocidade tal que os preços deverão crescer mais que os salários" — prevê Pastore, para quem o ciclo de correção inflacionária apenas foi iniciado. Nesse quadro, o economista lembra que o governo deverá buscar dinheiro novo junto aos credores da dívida externa simplesmente para recompor as reservas cambiais exauridas neste ano. Ele prevê a necessidade de US\$ 4,5 bilhões. Re-

sultado dessa análise e das desvalorizações cambiais: serão reajustadas as dívidas em dólar das estatais que, no entender de Pastore, acabarão mostrando a realidade do déficit público.

Na opinião do professor, tudo ocorrendo conforme essas previsões, os Cr\$ 160 bilhões que o Cruzado II juntamente com o Cruzadinho de julho pretendem recolher serão insuficientes para zerar o déficit público. Por outro lado, ele lembra que neste ano houve aumento do consumo sem crescimento da capacidade produtiva. "No quadro de incertezas o clima para investir é menor. Hoje o empresário prefere ficar líquido", diz Pastore, para quem a minoria afoita que começou a investir em meados deste ano começou pagando uma taxa de juros de 25% ao ano e hoje, para dar continuidade ao empreendimento, paga mais de 200% de juros ao ano.

Para Pastore, poderá não haver recessão e o crescimento será menor que o deste ano. Mas isto dependerá do curso das políticas monetária e fiscal. Ele acredita que haverá crescimento do emprego e a economia entrará num período extenso de estagflação — crescimento pequeno da produção com inflação alta. Ou seja, segundo o professor, 1987 será o ano da reintrodução da inércia inflacionária e o **Pacto Social** será uma forma de o governo tirar a renda que deu em 1986.